

Ponto de Vista

O “Tie Break” Como Fator de Dificuldade na Aprendizagem das Habilidades Motoras do Voleibol em Indivíduos Praticantes da Categoria Mirim

Guilherme Locks Guimarães
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Introdução

A necessidade de transformar o jogo de voleibol em um produto atraente para as transmissões televisivas, fez com que a Federação Internacional de Volley-ball, órgão máximo deste desporto, modificasse as regras do mesmo, com o intuito de diminuir o tempo de duração das partidas, motivo pelo qual, as emissoras de televisão não se interessavam em transmiti-lo. Para a consecução deste objetivo os rodízios sem pontos (vantagens) foram eliminados. Assim, cada “rally”¹ vale um ponto.

O set de 25 pontos sem vantagem (“Tie-Break”) diminuiu consideravelmente o tempo de jogo que, nas partidas mais disputadas com o regulamento anterior, era de aproximadamente três horas. Algumas, ainda mais longas. Ao diminuir o tempo de jogo com a nova forma de pontuar, criou-se maior desgaste emocional e maior estresse dos seus praticantes pela ausência da possibilidade de recuperar o erro cometido como era permitido no regulamento anterior.

O voleibol no Brasil é dividido nas seguintes categorias: mirim até 13 anos; infantil até 15 anos; infanto-juvenil até 17 anos e juvenil até os 19 anos e adulto daí em diante. Estas modificações foram pensadas para a competição das equipes de alto rendimento e indevidamente estendidas a todas as outras categorias.

Na comunidade do voleibol existem pessoas que se dedicam de forma intensa e apaixonada a este desporto, mas que nem sempre possuem conhecimento das diversas disciplinas que intervêm no movimento humano e na ação do desporto. Por esse motivo, essas pessoas têm dificuldades de analisar e refletir sobre os efeitos causados pela modificação da regra e, sobretudo, de modo tão profundo como esta que modificou o sistema de contagem de pontos. Deste modo, as suas decisões seguem uma hierarquia onde a Federação Internacional, órgão máximo, decide as modificações a serem introduzidas em escala mundial para as equipes que fazem voleibol de alto rendimento. Assim, estas regras chegam às equipes mirins de

Ramos, bairro do Rio de Janeiro ou de Crato, cidade do estado do Ceará. A introdução deste novo sistema de contagem de pontos traz uma carga de estresse muito intensa, e faz com que a punição do erro—com a perda do ponto—implique em mudanças na execução das habilidades.

Em nosso país não é comum um planejamento plurianual de formação de um atleta ou de uma equipe. Portanto, os técnicos, pressionados pelas sociedades na busca da vitória, programarão os seus treinos de modo que os seus jogadores apresentem rendimento na mesma temporada. Para atingir este objetivo o treinador treinará o seu atleta para não arriscar, diminuindo a possibilidade de erro. Portanto, nas fases de aprendizado e aplicação da habilidade como exercício de competição haverá uma modificação do gesto técnico e diminuição da potência. E este movimento apreendido será o modelo da habilidade.

Segundo Mechling, citado por Martin (1991), o voleibol é um jogo de habilidades motoras abertas (“open skill”) e que são utilizadas de acordo com situações específicas. Por esse motivo, estas habilidades são aprimoradas constantemente. Portanto, para que a regra não seja um fator de dificuldade ao desenvolvimento destas habilidades e sua aplicação no jogo, seria necessário que a categoria mirim tivesse um regulamento próprio onde a competição, na forma de atividade correlata ao desporto voleibol, fosse parte integrante do processo de treinamento e não o seu objetivo ou a sua avaliação.

O “tie-break:” mais uma licença cultural

A sociedade hodierna aceita o estresse como uma situação inerente, quase natural à vida. A sociedade enaltece e então valoriza a capacidade de superação dos indivíduos. É importante lembrar a exaltação de feitos ditos desportivos, onde o desafio à morte física está sempre presente, onde o componente espetáculo não é mais a técnica, mas sim a superação da morte (risco de vida). Eles são denominados “sports off limits.” Pouco importa se esta atividade será o fator causador de um problema cardíaco mais adiante. Na sociedade dos “quinze minutos” de glória e do “tudo por dinheiro”, a morte, por motivo banal ou a vida banalizada, tem um preço, o do seguro ou o da pensão. E a sociedade já tem a próxima vítima prepa-

¹ Esta expressão no jogo de voleibol significa uma ação de jogo que é iniciada pelo saque e termina quando ocorre uma infração à regra.

rada para substituir o herói ou o estóico que sucumbiu.

Por causa das expectativas sociais, tornou-se desejável que todas as pessoas aprendam a conviver e a suportar a pressão emocional. Assim, tornou-se grande e muito promissor o mercado dos livros de auto-ajuda, nos quais a tônica principal é o aprendizado de como lidar com as frustrações e não conselhos ou propostas de como evitá-las. Então, por ignorar as necessidades dos jovens e por acreditar que a tolerância da pressão psicológica imprime características fortes, os problemas psicológicos passam despercebidos aos responsáveis pelos atletas de voleibol. Esta modificação à regra do voleibol é um exemplo e afeta seus filhos, nossos atletas (sugestão do editor).

Penso que deveria ser objeto de estudo mais aprofundado a naturalidade com que professores, técnicos e familiares encaram o fracasso de um jovem atleta na continuidade de uma atividade desportiva. Este fato, como qualquer outro, deixam impressas recordações que, mais tarde podem aparecer como fatores inibitórios em outros momentos que não têm nenhuma relação com o desporto, mas que são motivo de impedimento ou perda de oportunidade para uma vida equilibrada do ponto de vista emocional.

Porque sou contra

A categoria mirim é constituída por atletas de idade entre os 11 e 13 anos de idade. Segundo Erikson (1976) nesta fase a pessoa está exposta a dois sentimentos diametralmente opostos e, por conseguinte, muito próximos: a necessidade de trabalhar em grupo, confrontando-se com este na realização de ações, e um sentimento de inferioridade que se aprofunda com o fracasso nestas ações.

A regra atual do voleibol cria maiores possibilidades de fracasso, pois, cada erro é um ponto perdido. Este fato, quando não adequadamente trabalhado, será seguramente fator de maior tensão emocional, o que poderá ser a causa do aumento significativo de erros ou da maior dificuldade no aprendizado e aplicação como exercício de competição da habilidade. A execução imprecisa é inerente ao aprendizado e só quem se sente seguro de poder fazer e repetir determinado gesto tem tranquilidade para ousar e melhorar a sua performance. O “feedback” externo deve ter ação facilitadora, heurística (Moser, 1991) e este não é o caso nesta nova forma de pontuação.

Este sentimento desagradável de tensão por medo de falhar poderá ser o motivo de abandono do desporto. Este fato corre o risco de não ser analisado em função dos efeitos da mudança da regra deste esporte sobre o estado emocional desses jovens. É possível que outras explicações possam atrair os estudiosos, tais como: outros interesses ou falta de vontade do atleta de trabalhar, ou seja, o praticante deverá arcar sozinho com toda a responsabilidade de sua decisão.

O sentimento de fracasso nesta fase da vida, como nos informa Erikson (op. cit.), poderia acarretar sérios problemas emocionais para uma pessoa. Portanto, penso que bastaria

este motivo para demonstrar que este modo de pontuar o voleibol não é o mais indicado para favorecer e/ou facilitar o desenvolvimento das habilidades do desporto e a sua ulterior aplicação como exercício de competição.

Porém, para reforçar mais a minha opinião, baseio-me nos conhecimentos que nos informam que o aprendizado e a aplicação das habilidades devem ter uma progressão pedagógica, por exemplo, do mais simples ao mais difícil. Entendo, e isto é óbvio, que errar é simples e não errar é difícil. Portanto, este novo código ao punir todos os erros com a perda de um ponto, constitui-se em fator de dificuldade e inibição ao desenvolvimento do aprendizado do voleibol, e por conseguinte, do atleta mirim.

Outros fatos a serem considerados são: a indicação de que o conteúdo de uma sessão de aprendizado de um desporto deve ser o mais semelhante possível ao exercício de competição (Verchošanskij, 1987; Hotz, 1996; Martin, 1991; Martin & Nicolaus, 1997). E para que o desenvolvimento no desporto aconteça é necessário que o aluno/atleta possa criar o seu padrão motor e, a partir deste, realizar a ação correta (i.e., aplicação da habilidade motora desportiva) (Meinel & Schnabel, 1984; Hotz, 1996). Para a criação deste movimento o aluno/atleta, além da sua motivação intrínseca, necessita de condições ambientais propiciadoras, tais como: explicação clara da habilidade a ser executada, “gratificação” pelos esforços desenvolvidos na busca da performance e facilitação dos movimentos a serem apreendidos.

Outra situação conhecida e abordada na literatura é o fato da codificação da competição influenciar diretamente o treinamento (Hagedorn, 1997). Portanto, se a regra para se atingir a vitória pede que não se erre, o treinamento será reforçado nesta direção. Os treinadores seguramente buscarão o não erro e orientarão seus atletas, por exemplo, a não atacarem “forte”, pois poderão por imperícia atacar fora da área de jogo ou na rede. Este comportamento será um fator limitante no aumento do rendimento do atleta, que será treinado para executar movimentos mais lentos com o intuito de aumentar a precisão e, em alguns casos, para esperar o erro do adversário e conquistar o ponto, abdicando do ataque através de uma “cortada”, e “passando” (toque ou manchete) a bola para o seu adversário de maneira mais segura.

Porém, existe e sempre existiu da parte dos profissionais que trabalham no treinamento, resistências às mudanças que possam transformar o jogo da categoria mirim em uma atividade correlata ao voleibol. Alguns por não entenderem o alcance pedagógico da proposta, outros, porque, com o treinamento do saque e algum atleta de maior talento conseguem boas classificações, mesmo sem realizar um bom trabalho com a equipe para a melhora do voleibol de seu clube. Assim, na temporada seguinte, necessitam trazer atletas de outras equipes para resolver as suas necessidades.

Para evitar este tipo de comportamento dos técnicos, as sociedades desportivas deveriam modificar os seus critérios de avaliação do trabalho dos mesmos. Em vez da vitória no campeonato mirim, traçar metas anuais de número de atletas que esta equipe teria que integrar como titulares à equipe in-

fantil na próxima temporada. Isto porque, mesmo em um campeonato de escasso voleibol, haverá sempre um campeão.

Porque se faz

A sociedade hoje está orientada a dar mais valor à imagem do que aos fatos. A prática desportiva é apresentada de forma sedutora como a panacéia de diversos problemas, por exemplo, a ocupação do tempo livre de modo saudável.

O número de ações diárias e o tempo empregado pelo indivíduo para realizá-las praticamente não lhe permite dispor de um tempo para refletir e, principalmente, embasar cientificamente estas reflexões. O ritmo de vida da denominada “sociedade do mercado global” nos impõe ações rápidas e pré-determinadas por centros de pensamento que visam a maior eficácia das nossas ações. É o tempo dos manuais. Os ensaios, que são julgados perda de tempo, freqüentam as mesas e são produzidos para os gerentes do processo, como modernas versões do Príncipe de Maquiavel. Os professores de educação física são frutos desta época, destes costumes, também preferem o manual ao trabalho de criação e reflexão.

A família—parte deste sistema—que deveria ser a mais informada, pois tem a guarda e a obrigação legal de zelar pelo desenvolvimento psicossocial dos filhos, é geralmente a menos capaz de entender este processo e, sem tempo disponível, torna-se a vítima preferida do sistema sócio-econômico no qual vivemos. É vítima inconsciente. Constantemente seduzida por mensagens positivistas, esta acredita que, aceitando ou combatendo os fatos sociais à medida em que eles se apresentem em vez de investir na primazia das leis, estará colaborando como ator na construção de uma sociedade melhor e mais justa para os seus filhos. E deste modo aceita as regras do jogo, aceita o jogo do voleibol, porque na concepção popular, jogar é só um momento de divertimento, um hiato das coisas sérias da vida.

O professor/treinador, ao entrar no quadro de técnicos de uma sociedade desportiva, aceita quase sempre, sem pestanejar, as normas existentes e estas são geralmente organizadas por pessoas que reagem emocionalmente (entre euforia e tragédia) de acordo com o resultado da partida. Os dirigentes ficam felizes com as vitórias e muito infelizes com as derrotas. E as crianças quando se sentem infelizes mudam de brinquedo e o grupo, de brincadeira. Por esse motivo, é muito comum nos nossos clubes ocorrer a mudança do treinador para que se possa continuar a “brincar de dirigente.”

A ação de discutir, sugerir, criar etc..., comporta o crescimento e este, o aumento da responsabilidade. São muitos aqueles que não desejam crescer, comportando-se como crianças por toda a vida. Refutam ou aceitam sem refletir as mudanças que lhes são impostas ou porque são do seu agrado. Assim como, quando crianças, obedeciam seus pais para não desagradá-los, hoje, como adultos, continuam cumprindo ordens de outros “adultos pais” sem discussão, sem senso crítico, para agradá-los e, as vezes, são emulados só pelo fato de estarem inseridos no grupo da moda ou de pertencer (margin-

almente) ao grupo dominante politicamente. A soma destes fatos explica o porquê de não se discutir a nova regra e aceitá-la como parte do “show”, ignorando ou fingindo ignorar os seus efeitos para continuar ator.

A atividade desportiva é um momento pedagógico muito rico de estímulos, intervindo em muitos modos na formação emocional do indivíduo, deixando impressos para toda a vida os fatos sucedidos, antes, durante e após a sua prática. Portanto, é necessário que todos os conteúdos que envolvem esta prática (treinos, preparação física, inter-relação grupal, competições etc.) sejam pensados e realizados de acordo com as capacidades psico-físicas das pessoas que participarão da mesma. E, se tal não acontece, temos um caso de irresponsabilidade social.

Concluindo

Porque sabemos que os fatos que envolvem uma atividade de treinamento não são tão simples e prazerosos como pensam os incautos, nós, os profissionais que nos dedicamos a esta atividade, (i.e., o treinamento desportivo), devemos nos (in) formar para sermos os mediadores entre as famílias e a sociedade desportiva, entre esta e as federações, no sentido de dar aos nossos alunos/atletas o tempo necessário para a sua maturação, de modo que possam usufruir dos benefícios físicos e psíquicos, éticos e morais da prática desportiva.

Por esse motivo, devemos nos preocupar com a progressão pedagógica a ser empregada na iniciação desportiva, respeitando o momento de evolução do nosso aluno e, para tanto, devemos lançar mão dos vários conhecimentos que ao se inter-relacionarem, balizarão os limites e sugerirão os espaços da nossa atuação. No caso específico desta nova regulamentação do voleibol, eu proponho que ao menos na categoria mirim o jogo seja realizado com a regra antiga, onde a recuperação do saque por uma equipe não acarrete ponto para o adversário, permitindo assim, o momento do risco com menor pressão emocional. O jogo deveria ser disputado em três sets obrigatórios, dando oportunidade a um número maior de vivências com o gesto esportivo e, por tanto, de aplicação das habilidades como exercício de competição. Os pontos para o campeonato seriam atribuídos por “sets” vencedores.

A proposta do parágrafo anterior visa dar oportunidade ao iniciante deste desporto de arriscar sem ser punido com a perda de um ponto. Porém, não resolve outros problemas de solução mais complexa, o que torna este desporto, muito, seletivo, mesmo nas categorias de base. A qualidade, o volume e a intensidade dos estímulos condicionais e coordenativos a serem empregados nas sessões de treinamento, e a dificuldade da aquisição das habilidades motoras e da sua aplicação como exercício de competição são alguns desse problemas.

Como escrevi acima, existe entre os treinadores reação às propostas que possam tornar o seu trabalho uma atividade correlata ao desporto alvo. A crítica mais comum é que este tipo de competição não prepararia os atletas para os campeonatos nacionais, sul-americano e mundial da categoria infanto-

juvenil.

Informo, à guisa de reflexão, que na ex-União Soviética e na Rússia atual não existem campeonatos até os dezesseis anos, limitando-se à atividade desportiva escolar, e aquele país disputa sempre com brilho as competições. Os campeonatos regionais italianos da categoria “allieve” (i.e., alunos), até catorze anos, não permitem que o saque seja executado acima da linha do ombro, ou seja, é obrigatório o emprego do saque “por baixo”. Pode ser casual, mas cinco anos após a vigência deste regulamento, aquele país tornou-se campeão europeu e uma das forças mundiais da categoria “Under 17” tanto no masculino quanto no feminino.

Penso também que poderia ser alvo da nossa discussão o fato que não deveríamos organizar as nossas atividades para uma centena de pessoas, aquelas que fariam parte das seleções estaduais, e sim para um universo maior de praticantes o que tornaria a nossa atividade mais bela e instigante. E como estamos refletindo sobre a categoria mirim, é mais desafiador e rico de estímulos motores, disputar um campeonato onde se deva confrontar com dez equipes do que um outro com somente cinco. Por ter claro que a codificação da competição influencia de modo marcante os meios empregados no desenvolvimento dos exercícios de competição, peço aos envolvidos nesta prática, o voleibol, que reflitam sobre o exposto acima e atuem para as mudanças que se fazem necessárias. Esta reflexão pode marcar uma atitude em direção ao respeito ao desenvolvimento do seu atleta como pessoa, utilizando a prática desportiva como elemento de formação de um indivíduo saudável física e emocionalmente.

*“Assim termina a história de uma viagem.
Haveis escutado, haveis visto isto que é habitual,
isto que sucede a cada dia.
Mas nós vos pregamos:
ainda que seja comum, achai estranho!
Inexplicável, ainda que normal!
Que o usual, vos possa sempre surpreender!
Na regra reconheçais o abuso
e onde o haveis reconhecido,
procurai o remédio!” (Brecht, 1982, p. 257)²*

Referências

Brecht, B. (1982). L'eccezione e la regola. In: G. Einaudi (Ed.) *I capolavori di Brecht* (pp. 226-257). 6 ed. Gli

Struzzi 15. Torino: Editore s.p.a.

Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Hagedorn, G. (1997). I talenti sportivi ci ricordano il futuro. *Scuola dello Sport*, 40, 7-15.

Hotz, A. (1996). L'apprendimento qualitativo dei movimenti. *Società Stampa Sportiva*.

Martin, D. (1991). Tecnica sportiva e teoria dell'allenamento. *Scuola dello Sport*, Suplemento 22, 70-80.

Martin, D. & Nicolaus, J. (1997). La capacità di prestazione dei bambini e conseguenze per l'allenamento in età evolutiva. *Scuola dello Sport*, 40, 26-35.

Meinel, K. & Schnabel, G. (1984). Teoria del movimento. *Società Stampa Sportiva*.

Moser, T. (1991). Senza “feed-back” non c'è apprendimento. *Scuola dello Sport*, Suplemento 22, 61-65.

Verchošanskij, J. (1987). Vital'evic. La programmazione e l'organizzazione del processo di allenamento. *Società Stampa Sportiva*.

Nota do autor

Guilherme Locks Guimarães é professor do Instituto de Educação Física e Desporto-UERJ, técnico de voleibol em equipes brasileiras e italianas.

Colaboraram na revisão do texto: Prof. Ms. Astrogildo Vianna de Oliveira Jr. e Prof. Ms. Marcos Santos Ferreira

Endereço:

Guilherme Locks Guimarães

Rua dos Suspiros, 52

Rio de Janeiro, RJ 22743-440

e-mail: guilheme@uerj.br

2 Brecht, Berthold. L'eccezione e la regola. “Cosi termina la storia di un viaggio. Avete ascoltato e avete veduto ciò ch'è abituale, ciò che succede ogni giorno. Ma noi vi preghiamo: se pur sia consueto, trovatelo strano! Inspiegabile, pur se normale! Quello che è usuale, vi possa sorprendere! Nella regola riconoscete l'abuso e dove l'avete riconosciuto procurate rimedio!” Tradução do autor.